

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 6

Filosofia 10.º ANO

Tema 1: Abordagem introdutória à filosofia e ao filosofar
Subtema 1: Racionalidade argumentativa da Filosofia e
dimensão discursiva do trabalho filosófico



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Argumentos não dedutivos - indução, por analogia e por autoridade **Falácias informais**

A argumentação envolve muitos aspetos informais que devemos ter em atenção, sendo que as falácias ocupam aqui um lugar de destaque, uma vez que somos muitas vezes seduzidos por maus argumentos disfarçados de boa argumentação. Em seguida, iremos trabalhar os argumentos não dedutivos, bem como aprender a detetar algumas falácias informais.



O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar a filosofia como uma atividade conceptual crítica.
- Clarificar a natureza dos problemas filosóficos, distinguindo-os de outros tipos de questionamento.
- Identificar as áreas específicas de questionamento filosófico.

- Explicitar os conceitos de tese e argumento.
- Como avaliar a validade, verdade e solidez dos argumentos.
- Como operacionalizar os conceitos de tese, argumento, validade, verdade e solidez, usando-os como instrumentos críticos da filosofia.

- Identificar os tipos de proposições categóricas.
- Explicar as relações do Quadrado Lógico da Oposição.
- Saber negar proposições categóricas.

- Distinguir proposições simples de proposições compostas.
- Conhecer as cinco conectivas utilizadas na Lógica Proposicional.
- Traduzir fórmulas da linguagem natural para linguagem simbólica (formalização de proposições).

- Representar as funções de verdade dos seis operadores proposicionais verofuncionais, da lógica proposicional clássica, através de tabelas de verdade.
- Classificar proposições como tautologias, contradições ou contingências.

- **Caracterizar, identificar e avaliar argumentos indutivos, por analogia, de autoridade e entimemas.**
- **Apresentar exemplos de cada um destes argumentos.**
- **Explicar em que consiste uma falácia informal.**



COMO VOU APRENDER?

GTA 1: Introdução à Filosofia e ao filosofar

GTA 2: Tese, proposição, argumento, validade, verdade e solidez

GTA 3: Quadrado Lógico da Oposição

GTA 4: Formas de inferência válida – conectivas proposicionais

GTA 5: Formas de inferência válida – tabelas de verdade

GTA 6: Argumentos não dedutivos e Falácias informais

Tema 1: Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar**Subtema 1: Racionalidade argumentativa da Filosofia e a dimensão discursiva do trabalho filosófico****GTA 6: Formas de inferência válida – validação de formas argumentativas****Objetivos:**

- Clarificar as noções de argumento não-dedutivo por indução, por analogia e por autoridade.
- Identificar, justificando, as falácias informais:
 - Amostra não representativa;
 - Falsa analogia;
 - Apelo à autoridade
 - Petição de princípio;
 - Falso dilema;
 - Ad hominem (Ataque à pessoa);
 - Apelo à ignorância;
 - Espantalho (Boneco de palha);
 - Derrapagem (Bola de neve).

Modalidade de trabalho: Individual e em pequeno grupo.

Recursos e materiais : Caderno diário, manual escolar e *internet*.

Argumentos não dedutivos

A principal diferença entre os argumentos dedutivos e os argumentos não dedutivos reside no facto de a validade dos primeiros ser detetável pela sua forma lógica, ou seja, os argumentos dedutivos são válidos se as premissas forem verdadeiras e a conclusão não poderá ser falsa. Em relação à **validade dos argumentos não dedutivos** já não acontece o mesmo, na medida em que **a verdade das premissas apenas torna provável a verdade da conclusão**.

Tipos de **Argumentos não dedutivos**:

- 1) Indutivos
- 2) Analogia
- 3) Autoridade



1. Argumentos Indutivos

Existem dois tipos de argumentos indutivos que são usados com muita frequência:

- Generalizações
- Previsões

1.1. Generalizações

As generalizações têm a seguinte forma argumentativa:

**Alguns P são Q.
Logo, todos os P são Q.**

Nas generalizações, a conclusão é sempre mais geral do que as premissas. Neste tipo de argumento, ainda que a premissa seja verdadeira não obriga à verdade da conclusão, sendo esta apenas provável.

Quando fazemos um mau uso deste argumento, incorremos na **falácia da generalização** precipitada.

Por exemplo:

**Ontem, conheci dois suecos muito simpático.
Logo, todos os suecos são simpáticos.**

Ainda que a premissa seja verdadeira, dificilmente podemos aceitar a conclusão baseando-nos nela, na medida em que a mesma não nos fornece dados suficientes para assegurar a validade da conclusão.

1.2. Previsões

Alguns argumentos indutivos **baseiam-se no passado para construir premissas**, sendo que a **conclusão se refere ao que acontecerá no futuro**.

Por exemplo:

**Todos os dias o sol nasceu.
Logo, amanhã o sol irá nascer.**

A exemplo do que acontece com a generalização, o argumento por previsão é mais ou menos provável, dependendo do número de casos representativos que levam à construção das premissas.

Em ambos os casos (generalização e previsão) **os argumentos são mais ou menos fortes**, dependendo da **plausibilidade das suas premissas**. Um bom argumento indutivo deverá sempre:

- **basear-se numa amostra representativa;**
- **não deve omitir contra exemplos conhecidos.**

Um mau uso deste argumento resulta na **falácia** da **“Amostra não representativa”**.



2. Argumentos por analogia

Num argumento por analogia, partimos sempre de um conjunto de semelhanças relevantes entre dois elementos, atribuindo, de seguida, a um deles uma propriedade que apenas é observada no outro.

Por exemplo:

O Tiago tem tosse, febre alta e dores no corpo. A irmã dele teve estes sintomas, na semana passada, e era gripe. Logo, o Tiago tem gripe.

Tal como nos outros argumento não dedutivos, também as analogias são mais ou menos fortes, sendo que a sua força dependerá da plausibilidade das premissas. Se aceitarmos as premissas, também aceitamos que a conclusão do argumento é provavelmente verdadeira.

Para um **bom argumento por analogia**, os **elementos a comparar devem ser relevantes** e **devem ainda evitar objeções**. Quantas mais semelhanças relevantes forem referidas mais improvável será a falsidade da conclusão.

Distinguimos as **analogias fracas** (os elementos comparados nas premissas são pouco relevantes para a conclusão) das **analogias fortes**, em que as semelhanças são relevantes, sendo também tidas em conta as diferenças importantes entre os dois elementos. Um **mau uso deste argumento** leva-nos a incorrer na **falácia da falsa analogia**.

3. Argumentos de autoridade

Estes argumentos são muito usados para justificar a tese que se defende num determinado argumento, e podemos sintetizá-lo da seguinte forma:

A diz que X é verdadeiro.

Logo, X é verdadeiro.

Este argumento é usado quando se considera que **A** é alguém que conhece **X**. Por outras palavras, **A é uma autoridade no que respeita a X**. Quando usamos A, não sendo A uma autoridade na matéria em questão, estamos perante um mau argumento de autoridade.

Por exemplo:

O meu médico disse-me que o melhor carro é o da marca X. Logo, o carro da marca X é o melhor do mundo.

Este é um exemplo claro de um mau argumento, pois o médico não é um especialista em mecânica de automóveis, mas sim em questões de saúde.

Como podemos confiar num bom argumento de autoridade? Podemos seguir a seguinte estratégia:

- As fontes devem ser sempre citadas.
- As fontes estão informadas sobre o assunto em questão?
- As fontes são imparciais?
- Comparar fontes (ouvir mais do que uma opinião).

O **mau uso deste argumento** leva-nos a incorrer na **falácia do Apelo à autoridade**.



TAREFA 1

Podes realizar as tarefas seguintes em **conjunto com outro colega**. Cada um deve **registar as respostas no respetivo caderno**.

1. **Considera** o seguinte argumento:

“Todos os rubis observados até hoje são verdes. Logo, o rubi que o teu pai deu à tua mãe é verde.”

1.1. No teu caderno, **indica** se o **argumento anterior** é por **generalização**, **previsão** ou **analogia** e **avalia se é um bom argumento**.

2. **Considera** o seguinte argumento:

“Tal como os polícias, as enfermeiras usam fardas. Os polícias salvaguardam a ordem pública, logo, as enfermeiras também salvaguardam a ordem pública.”

2.1. No teu caderno, **indica** se este é um **bom argumento**. **Justifica** a tua resposta.

Principais falácias informais

- **Petição de princípio**

Uma Petição de princípio é um argumento que pressupõe, nas premissas, aquilo que se quer ver forçado na conclusão. Também é conhecido como “argumento circular”, uma vez que parte do ponto a que quer chegar.

Ex.:

O João está a defender que os professores devem ganhar muito dinheiro, justamente porque a mulher do João é professora.

- **Falso dilema**

Esta é uma falácia que resulta de uma disjunção incompleta, ou seja, uma disjunção que não esgota todas as possibilidades, ou apenas o faz de uma forma aparente. Nas falácias de falso dilema recorreremos à regra da disjunção exclusiva, no entanto, há alternativas que aqui não são ponderadas.

Ex.:

***Ou estudas muito, ou nunca conseguirás ser alguém na vida.
Não estudas muito, logo nunca conseguirás ser ninguém na vida.***



Principais falácias informais (continuação)

- **Apelo à ignorância**

Nesta falácia, partimos do pressuposto de que, porque se desconhece uma prova conclusiva sobre a falsidade de alguma coisa, inferimos daí a verdade dessa coisa. Assim, parte-se do princípio que uma proposição é verdadeira, porque não se provou que era falsa, ou que é falsa, porque não se provou que era verdadeira.

Ex.:

Ninguém conseguiu provar que Deus existe. Logo, Deus não existe.

Ninguém conseguiu provar que Deus não existe. Logo, Deus existe.

- **Ad hominem (Ataque à pessoa)**

Consiste em atacar o caráter, ou circunstâncias de um indivíduo que está a apresentar um argumento, em vez de refutar as proposições desse argumento.

Ex.:

“O tribunal desconsiderou o testemunho do assaltante, pois os assaltantes não são pessoas de confiança.”

- **Espantalho (Boneco de palha)**

A falácia do espantalho consiste numa distorção (intencional ou acidental) do argumento que se pretende refutar. Esta falácia assume a seguinte forma:

“O argumento (ou teoria) X (que corresponde a uma distorção, ou versão enfraquecida do argumento A) é um mau argumento ou teoria. Logo, o argumento A é um mau argumento.”

Ex:

“As pessoas que querem legalizar o aborto, encaram esta opção numa perspectiva da prevenção irresponsável da gravidez. Contudo, temos de lutar por uma sexualidade responsável. Logo, o aborto não deve ser legalizado.”

- **Derrapagem (Bola de neve)**

Esta falácia consiste em tentar demonstrar que uma proposição é inaceitável, porque ao aceitá-la estamos a potenciar uma cadeia de implicações com um desfecho inaceitável. A falácia decorre quando ocultamos a falsidade, ou improbabilidade de um dos seus elos, tendo o mesmo implicações no todo.

Ex:

“Se eu abrir uma exceção deixando o João ir à casa de banho, o André também vai querer ir, e depois a Joana, seguida da Catarina, tendo eu de abrir exceção a todos. Logo, não posso abrir exceção ao João.”



TAREFA 2

Identifica no teu caderno as falácias informais presentes nos seguintes argumentos:

- a) Se não houver prisão perpétua, as pessoas sentem impunidade e depois a criminalidade aumenta.
- b) Já que não sabemos se Deus existe, é porque não existe, pois se existisse já saberíamos.
- c) Ou todos os atos humanos são livres, ou nenhum ato humano é livre. Daqui resulta que nenhum ato humano é livre, pois ninguém questiona que nem todos os atos são livres.
- d) O Tiago defende o aumento dos impostos para combater a crise, mas isso é porque o Tiago não é pobre e tem manias de ser rico.
- e) Se legalizarmos a eutanásia estaremos a legalizar o homicídio de pessoas inocentes. Ao legalizar o homicídio de pessoas inocentes, ninguém estará a salvo e as pessoas deixarão de confiar nos médicos e nos hospitais. Logo, não devemos legalizar a eutanásia.
- f) A teoria da evolução diz que as galinhas descendem dos dinossauros, mas isso é um disparate. Logo a teoria da evolução das espécies de Darwin só pode estar errada.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

TAREFA 1

- 1.1. Trata-se de uma previsão indutiva. Podemos afirmar que o argumento é bom, pois os seres humanos apenas encontraram rubis vermelhos até hoje, de modo que existe a elevadíssima probabilidade de que o rubi que foi oferecido também tenha a cor vermelha.
- 1.2. Trata-se de um mau argumento por analogia, uma vez que a analogia se baseia em aspetos irrelevantes para a comparação que está a estabelecer. Deste modo, a informação contida nas premissas não é suficiente para a conclusão a que se pretende chegar.

TAREFA 2

- a) Espantalho (Boneco de palha)
- b) Apelo à ignorância
- c) Falso dilema
- d) Ad Hominem (Ataque à pessoa)
- e) Bola de neve (Derrapagem)
- f) Espantalho (Boneco de palha)



O QUE APRENDI?

És capaz de ...

- Caracterizar, identificar e avaliar os argumentos indutivos por analogia, de autoridade e entimemas?
- Apresentar exemplos de cada um destes argumentos?
- Explicar em que consiste uma falácia informal, ou da linguagem?
- Identificar as principais falácias informais:
 - Amostra não representativa;
 - Falsa analogia;
 - Apelo à autoridade;
 - Petição de princípio;
 - Falso dilema;
 - *Ad hominem* (Ataque à pessoa);
 - Apelo à ignorância;
 - Espantalho (Boneco de palha);
 - Derrapagem (Bola de neve)?

Procura no teu manual escolar os exercícios resolvidos sobre o tema “Formas de inferência válida – validação de formas argumentativas”. **Analisa-os** e **resolve-os** sozinho. Por fim, **compara** a tua resolução com a do manual e com as dos teus colegas. **Estuda**, com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza as seguintes videoaulas nas quais são explicadas estas temáticas:

[Argumentos não dedutivos – a indução](#)



[Argumentos não dedutivos – a analogia e por autoridade](#)



[Falácias informais: falsa relação causal, petição de princípio, boneco de palha e ad hominem](#)



[Falácias informais: falso dilema, apelo à ignorância, derrapagem, ad populum](#)

